

Ressignificação de uma obra nascida no racismo, em Lovecraft Country¹

Bruno Dantas Quirino de MELO²
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Este escrito tem como objetivo discutir a resignificação do legado artístico e da obra de determinado autor, pautando-se nas demandas sociais da atualidade. Olhamos em especial para o trabalho de Lovecraft, que apesar da seminal influência no horror pós metade do século XX, tem em sua obra transcrita um virulento ódio racial, o que não é muito abordado ao evocar o seu nome. Em oposição a isso, surge Lovecraft Country, um sucesso literário que inverte as posições clássicas do racismo, e coloca uma família negra como protagonista durante os anos das leis de segregação nos Estados Unidos, tendo que lidar com questões do oculto e com o preconceito. O livro e subsequente série de TV, assumem uma postura anticolonial, ao ir além da denúncia e contra-atacar a violência epistêmica, ao colocar a mitologia do racista Lovecraft em paridade com os muitos níveis da violência racial da época..

PALAVRAS-CHAVE: Lovecraft; literatura; pulp; racismo; comunicação.

Demarcando um território

As revistas pulp vieram ao mundo na última década do século XIX, seu “pai” Frank Munsey era um ex-operador de telégrafos do Maine, que se mudara para New York quatorze anos antes, com o sonho de ser editor. Naquele mesmo ano ele lança a revista The Argosy, uma coisa irregular, de bordas mal-ajambradas, sem ilustrações, nem mesmo na capa. Na contramão de outras publicações populares na época, fez uso do papel de polpa de celulose, a fim de baratear ainda mais a publicação, vindo daí o nome de todo um gênero literário, que viria a ganhar corpo nas próximas décadas. O papel, também utilizado nas páginas de jornal, era tão mais acessível, que cativou uma clientela que nunca antes na história do país possuiu o hábito de comprar material ficcional, pois eram considerados um luxo. Embora a imprensa a vapor já viesse sendo usada em larga escala há um tempo considerável, antes de Munsey ninguém havia combinado imprensa barata

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Curso de Comunicação da UERJ, e-mail: brunodqm96@hotmail.com.

e autores baratos em um mesmo livro, pouco dispendioso tanto para ele, o editor, como para o leitorado, que pagava 10 centavos por uma literatura que, de outra forma, eles não poderiam exercer. O preço baixo aliado à crescente taxa de alfabetização contribuiu para o sucesso deste meio de comunicação que respondia às atávicas aspirações de escapismo da massa com a publicação de gêneros populares: histórias de aventura, mistério, romances históricos, as histórias de detetive, de faroeste, e as narrativas então emergentes de ficção científica e espada e feitiçaria. Tudo no formato conto ou em serialização. Sendo vendidos em bancas, com capas consideradas apelativas e preços e narrativas populares, a revista *The Argosy*, por exemplo, saiu de alguns milhares de exemplares vendidos, para meio milhão. Desta seara, talvez a publicação mais icônica seja a *Weird Tales*, surgida em 1923, com a proposta de lançar contos “estranhos” que não eram publicados em outras pulp magazines da época, sendo uma grande propagadora da ficção científica e de contos góticos. Em seu catálogo, não só surgiam autores contemporâneos, como também eram realizados resgates de literatos do passado tais quais H.G. Wells, Bram Stoker, Mary Shelley e Edgar Allan Poe. Suas páginas serviram de base para que autores hoje renomados deixassem suas marcas, nomes como Edgar Rice Burroughs, Clark Ashton Smith, Robert E. Howard, Isaac Asimov, Ray Bradbury e, indiscutivelmente, Howard Phillips Lovecraft.

Lovecraft nasceu em 20 de agosto de 1890 em Providence, estado de Rhode Island, na costa leste dos Estados Unidos. Era descendente de duas aristocráticas famílias anglo-saxãs das mais antigas da Nova Inglaterra. Durante sua infância fez bom proveito da enorme biblioteca que seu avô, um empresário bem-sucedido, dispusera em sua casa. Sendo assim, desde cedo Howard teve contato com a literatura, o que o levou a começar a escrever alguns poemas quando criança e posteriormente contos na adolescência. Sua maior influência foi Edgar Allan Poe. Importante frisar que seu nascimento e infância coincidiram com a falência de sua família, o que lhe marcou deveras, uma vez que as muitas possibilidades que sua linhagem lhe permitiria foram bloqueadas de forma traumática. Nem chegara a concluir o ensino médio, haja vista sua pouca educação formal, fruto de uma vida escolar intermitente, abalada por inúmeros colapsos nervosos. Viveu em apartamentos simples, junto da mãe e das tias, após a morte do pai e avô. Jamais possui uma profissão regular ou definida, sobrevivendo como ghost writer, revisor para revistas e jornais e balconista. Seu único relacionamento sério durou pouco e teve um fim

infeliz. Fora um homem retraído, com poucas amizades, sendo que a maioria fora gerada e mantida por correspondências. Apesar de ser um sujeito racionalista e ateu convicto, comungava com absoluta fé dos valores aristocráticos de sua família e de sua estirpe, a cosmovisão dos protestantes puritanos (desconfiada para com o outro, fascinada e ao mesmo tempo horrorizada diante do macabro) é patente em suas narrativas: todos os não-anglo-saxões são representados com desconfiança ou hostilidade aberta e o universo é uma imensidão repleta de horrores, ávidos por levarem o homem a um destino terrível. Sua personalidade perturbada e afetada desde a infância por pesadelos, aliada a um interesse mórbido pelo oculto e o sobrenatural, torna borrada a relação de causa e efeito, deste traço da inspiração de sua escrita fortemente marcada pelo simbolismo e pelo inconsciente. Seus fracassos seriam produto de intensa misoginia e misantropia, além do asco que nutria às máquinas em geral e ao mundo moderno, do qual aquelas eram a expressão mais visível. Uma prova disto, foram os dois anos que passaram em New York, ao qual se referiria como um tormento, um “exílio”. A alienação e temor perante a cidade e o mundo moderno, que Lovecraft experimentou, foi algo bastante disseminado entre seus pares, um produto histórico mais que produto de sua personalidade mórbida e hipersensível. Em outras palavras, uma exaltação romântica, que vê a relação entre tempo histórico e obra como uma oposição dualista e mecânica entre artista desajustado e mundo que este não aceita. Lovecraft faleceu em 1937, em decorrência de um câncer, e apesar de não ter sido um autor de grande repercussão ou sucesso em vida, possuía fiéis seguidores do seu trabalho, que contribuíram para fazer algumas de suas últimas obras chegarem às prensas. Embora suas histórias tenham alcançado certo público de nicho após sua morte e tenham gozado de certo prestígio na cultura de massa, Lovecraft experimentou, nos últimos anos, uma espécie de renascença cultural, que começou a legitimá-lo como artista digno de figurar entre os nomes da alta literatura, além de ser considerado um dos mestres do gênero do horror. Em termos de influência, é impossível pensar no horror pós metade do século XX sem falar na mitologia que criara. Escritores e diretores consagrados como Stephen King, John Carpenter ou Guillermo Del Toro buscaram inspirações em seus contos. Neles, Lovecraft apresentava um medo calcado no impossível. Suas criaturas, datadas de muito antes da humanidade, eram incompreensíveis para o intelecto humano, restando às mentes que foram feridas pelo choque com essa vil realidade, nada mais do que a insanidade. Vários personagens atingem o nível da insanidade por saberem demais, por terem adentrado no “jogo contra

o universo”. O universo é infinito, a capacidade cognitiva e racional humana, não. Lovecraft se pautava nisso para descrever a infinitude de suas insólitas criaturas. Um grande destaque na criação do seu horror atmosférico também, era a descrição de espaços geográficos feita de forma extremamente cuidadosa pelo autor, sendo esta uma forte característica dos contos lovecraftianos, o que nos aprofunda em uma artificial atmosfera niilista e caótica. O autor se utiliza dessa ferramenta com maestria até mesmo ao descrever locais que são fisicamente impossíveis de existir. Por outro lado, as criaturas que encontramos dentro das narrativas de Lovecraft não possuem necessidade alguma de coexistirem com o ser humano. Elas já existem há bilhões de anos, surgidas nos confins do espaço e vindo parar no planeta Terra por acaso, tendo de dividir o espaço com a humanidade. Ademais, o ser humano é ínfimo perante à natureza e dono de uma capacidade racional extremamente findável, totalmente impotente quanto à compreensão do mundo em que vive. Lovecraft chamava seu princípio literário de "Cosmicismo" ou "Horror Cósmico", pelo qual a vida é incompreensível ao ser humano e o universo é infinitamente hostil aos seus interesses. Suas obras expressam uma profunda indiferença às crenças e atividades humanas, assim como uma atitude profundamente pessimista e cínica, muitas vezes desafiando os valores do Iluminismo, do Romantismo, do Cristianismo e do Humanismo. Os protagonistas de Lovecraft eram o oposto dos tradicionais, por momentaneamente vislumbrarem o horror da última realidade e do abismo. Quase finda uma apresentação do escritor, nos resta o elemento central para este estudo: Lovecraft, atualmente conhecido por pessoas que nem mesmo lera seus contos, publicado por dezenas de editoras só no Brasil, tem mercado não somente em seu âmbito pessoal, mas inscrito em sua própria literatura, virulentos racismo e xenofobia. Passagens como a famosa comparação de um negro a um gorila/uma coisa grotesca e seus membros a patas em *Herbert West: Reanimator* (1922), são um exemplo, de mentalidade odiosa que ecoa em diversos outros trabalhos e que parecem ser muitas das vezes ignorados diante da colaboração que o autor trouxe para literatura e o imaginário popular. Por outro lado, estudiosos de sua obra, como o escritor francês Michel Houellebecq, argumentam que o ódio contra pessoas negras é tão essencial no desenvolvimento de Lovecraft, que ele toma forma nas mitológicas criaturas monstruosas de seus escritos. Segundo ele, “é o ódio racial que provoca em Lovecraft esse estado de transe poético em que ele excede a si mesmo na pulsação rítmica e louca das frases malditas; é ele [o ódio] que ilumina seus grandes textos com um brilho hediondo e cataclísmico" (HOUELLEBECQ, 2020).

Eis que em 2016, o escritor norte-americano Matt Ruff lança *Lovecraft Country*, que quatro anos mais tarde viria a ser transformada em série pela HBO, angariando um número ainda maior de conhecedores da obra. Nela, o autor explora a conjuntura entre o horror da mitologia de Lovecraft com o racismo nos Estados Unidos durante o período das leis Jim Crow, durante uma série de episódios experienciados por Atticus Turner e sua família, desde sua partida em busca de seu pai desaparecido. O livro consiste em oito histórias que se interconectam, onde o protagonismo é constantemente mudado de um integrante da família para outro. As tramas vão desde a clássica história de mansão assombrada, até viagens pelo multiverso, passando por rituais de imortalidade e maldições. Fato é que no enredo esta conjuntura entre o horror inimaginável e o tangível dos atos humanos, sempre pende a favor da maior gravidade do segundo. Na primeira instância envolve-se magia, truques e outras armadilhas podem ser utilizadas para subverter as regras e resistir ao perigo, enquanto contra a crueza do ódio e da carne, na maioria das vezes a sensação de impotência é maior do que diante uma criatura ou encanto. De tal modo, a simples figura de um policial racista, cheio de intenções maldosas não verbalizadas, é muito mais ameaçadora do que a de uma criatura mortal e inumana, que em seu furor assassino desmedido, vem a calhar mais como solução do que obstáculo. O autor Matt Ruff não é negro, nem perto disso, seus olhos são de um azul indiscutível. Portanto, nunca sofrera na pele o racismo que ecoa mesmo nos dias de hoje, o que por ele é transposto para as páginas, portanto é um misto de exercício de imaginação e empatia. Em fóruns de discussão literárias há quem diga que seu trabalho é mais uma apropriação por parte do branco, das narrativas negras, que Ruff está capitalizando em cima de uma história que não lhe pertence. Existe por outra via, a concepção de que o trabalho do autor intenciona uma espécie de reparação ao trabalho de Lovecraft, que impossível de ser retirado do imaginário visto seu tamanho, aqui ganha uma ressignificação do ódio originário descrito por Houellebecq, revelando a forma de todos os monstros, os possíveis e impossíveis. Nos será importante daqui em diante tratar das perspectivas de controle e representação para além da modernidade, sem nos esquecermos das marcas que esta imprime em subjetividades e corpos. *Lovecraft Country* de livro virou série, dessa vez pelas mãos de Misha Green, mulher negra, e com isso ganhou novas nuances. Apesar da aclamação por parte da crítica e do público, a série foi cancelada antes da estreia de sua segunda temporada.

Jogos de imagem e poder

É notório o caso de Monteiro Lobato (1882-1948), praticamente uma instituição dentro da literatura infantil brasileira, autor do célebre Sítio do Pica-Pau Amarelo, que por gerações vem ocupando o imaginário popular. No ano de 2010, uma polêmica envolvendo seu livro *Caçadas de Pedrinho* (1933), iluminou o fato que o escritor não apenas era um sujeito racista, mas que transferia isso para sua literatura. Na obra apontada, considerada até aquele momento como leitura obrigatória nas escolas públicas, a personagem negra Tia Nastácia é chamada de "macaca de carvão", por exemplo. A questão ganhou uma grande repercussão midiática, marcada pelas raízes da polarização que é tão forte nos dias presente. Por um lado, uma parcela da população foi a favor da retirada do livro, para que as crianças de hoje não fossem contaminadas por um pensamento tão retrógrado e vil, por outro muitos alegavam a importância histórica das obras de Lobato, e anunciavam censura. Fato é que, passada mais de uma década da polêmica, o trabalho de Monteiro Lobato não foi desmerecido, mas é acompanhado de críticas ao seu racismo. Uma contextualização necessária. O mesmo não acontece a Lovecraft, cuja fama tardia da qual goza no presente, parece esquecer a crítica e a localização necessária do seu ser no tempo e espaço. De forma que seus leitores, ou mesmo aqueles que só ouviram falar seu nome, ou ignoram o racismo que chega a estar impresso em seus escritos, ou simplesmente desconhecem. Apesar de avesso a muitas das etapas da retórica da modernidade: a salvação, o progresso, o desenvolvimento, a modernização e a democracia, em apreço a um ideal romântico e aristocrático, verdade é que tanto Monteiro Lobato quanto Lovecraft eram homens de seu tempo, profundamente modernos. Odiosamente moderno, inclusive, quando se tratando do lado oculto da modernidade. Para Mignolo, a pauta oculta da modernidade é a colonialidade, ou seja, incrustadas na retórica da modernidade, o exercício econômico dispensa vidas humanas, e o conhecimento justificava o racismo e a inferioridade de vidas humanas, que eram naturalmente consideradas dispensáveis. A matriz colonial de poder foi descrita pelo criador do termo, Aníbal Quijano, como quatro domínios inter-relacionados: controle da economia, da autoridade, do gênero e da sexualidade, e do conhecimento e da subjetividade, sustentados pelos fundamentos racial e patriarcal do conhecimento. Cabe frisar aqui que ao falarmos da contextualização necessária de Lovecraft, por longe

passamos da chamada cultura do cancelamento, sobre contextualização diz-se estritamente isso, contextualização. A cultura do cancelamento é sobre um acerto público de contas e um pedido de ajustamento de condutas em relação à alguma transgressão social que não passou por um controle adequado nos canais tradicionais. A respeito do silenciamento que tal prática pode ocasionar, cabe lembrar que esta é a prática do opressor, que historicamente faz uso de práticas mais arraigadas e seminais do que esta. O que a obra de Ruff faz é de alguma forma escancarar poeticamente essa ideologia de Lovecraft, e ao mesmo tempo subverter o seu sentido original, sem detrimento daquilo que já foi estabelecido.

Sobre silenciamentos, é Ruff é curioso notar como sua obra ganhou uma grande proporção tratando de um tema que não lhe fere, enquanto Octavia E. Butler, uma das maiores escritoras de ficção científica de todos os tempos, tratando de questões raciais e de gênero, demorou quase quarenta anos para chegar no Brasil. Segundo Denise Ferreira da Silva, é da arte anticolonial “ir além da denúncia e mover-se para dismantelar e contra-atacar a violência epistêmica” (FERREIRA DA SILVA, 2020). Sob tal julgo, tanto Lovecraft Country quanto Kindred, a obra-prima de Butler, seriam anticoloniais. Mas somente a segunda seria de fato uma artista anticolonial, pois ela em todo seu trabalho questiona cada modo, cada forma de apresentação, transformando-a num confronto – “que é a apresentação como recusa da representação”. Não coloquemos em questão a natureza das intenções de Ruff, seja a ideia de capitalizar em cima de uma pauta considerada atual e relevante, seja a vontade real de construir em cima de um panteão tão adorado e imaginativo, a devida reparação necessária para fazer jus a uma lógica pós moderna, o que importa é que a obra ganhou corpo o suficiente para suscitar a questão de raça e representação em Lovecraft, e que em sua adaptação para as telas ganhou no olhar de Misha Green o apuro que e o lugar de fala crucial para estabelecer um imaginário em torno da obra. As obras do próprio Lovecraft possuem seu maior número de adaptações para os quadrinhos, herdeiros dos pulps, mas quase não se viram transpostas para o audiovisual. Em parte, se deve para a natureza não-imagética dos contos, onde as criaturas e os horrores são inimagináveis, indescritíveis. Como mostrar o indescritível? Enfim, o que essa particularidade dos contos originais causou, foi o particular acontecimento no qual Lovecraft Country, uma ressignificação do legado de Lovecraft é a primeira grande obra visual feita dentro do universo do autor original, e, portanto, o primeiro contato que

muitos vão ter com o imaginário criado por Howard, afinal seu nome está até mesmo no título da obra. Mesmo após sua morte, a figura de Lovecraft é afeita a esses anacronismos, ele que, por exemplo, conhecidamente uma pessoa elitista, ganhava a vida através de uma literatura considerada menor. Nos primeiros minutos da série, enquanto o protagonista Atticus anda por uma estrada ao lado de uma senhora também negra, ele lhe conta sobre o livro pulp que está lendo durante a viagem, e ela lhe questiona sobre o fato do herói da história ser um confederado, que lutou a favor da escravidão. Em resposta, Atticus lhe diz: “Histórias são como pessoas. Não têm que ser perfeitas para amá-las, basta tentar apreciá-las, e ignorar seus defeitos”. É uma linha de diálogo curiosa, pois é um claro aceno à obra que deu origem ao livro. E o que tanto o trabalho de Ruff, quanto sua adaptação para as telas faz é sim uma carta de amor, mas faz justamente o contrário quanto a ignorar seus defeitos.

A despeito do primeiro contato que muitos terão com o universo não ser através do próprio Lovecraft, é algo cada vez mais propenso. As obras Lovecraft Country são um grande exemplo, mas como dito antes, nos quadrinhos adaptações e criações em cima de sua mitologia são bastante comuns. Há poucos anos houve um boom onde diversas editoras lançaram, quase que simultaneamente compilados de suas obras, tornando-se difícil desviar de seu nome ao entrar em livrarias. Mas o que surgiu como uma oportunidade de se tornar popular, no final só se mostrou uma boa oportunidade para um nicho se deleitar. Muitas das coleções que levavam seu nome sequer tiveram suas continuações publicadas, provavelmente pela baixa de vendas. Pois sejamos francos, o panteão criado por Lovecraft é algo extraordinário, digno das grandes mitologias, tamanha sua criatividade e influência, porém o Lovecraft autor é medíocre. Sua escrita é descritiva demais, cheia de adjetivos, truncada e repleta de vícios. Diziam muitos dos críticos que atingia sua maturidade literária quando morreu, uma vida breve, realmente. Diante disso, seria Lovecraft fadado a ganhar cada vez mais espaço através de obras inspiradas em si, enquanto sua literatura original seria cada vez mais relegada a um nicho? É um caminho possível, e dentro dele, o ódio que transbordava na escrita do qual Houellebecq pontua, se diluiria mais e mais em narrativas que homenageiam e subvertem em iguais medidas. É recente a discussão do que deve ser feito com a arte de homens que são considerados monstruosos, a exemplo de Polanski e Allen, não que ambos estejam na mesma medida de maldade que Lovecraft, porém coube a reflexão. A opção de tentar

separar o autor da obra é racionalmente plausível, pois como diria Umberto Eco, uma vez a obra pronta acontece a morte do autor, e ela se encontra aberta para o mundo, porém o pathos em muitas das vezes não consegue acompanhar o raciocínio. Em Lovecraft vemos cada dia mais sua obra descolada de si mesmo, Lovecraft não é tanto mais uma pessoa com seus anseios, desejos e preconceitos, mas um conceito junto ao horror cósmico, ao inominável. Neste processo, Lovecraft é cada vez menos Lovecraft personificado, mas um estilo que criou praticamente sozinho. Ainda assim, ficam marcas como as deploráveis linhas de Horror em Red Hook, onde encontramos o primitivismo no qual coloca os negros, os latino-americanos, a monstrificação da miscigenação. Mas curioso pensar que, como apontado, não se pode fazer uma separação de Lovecraft da cultura do horror pós metade do século XX, mas que em vez disso aponta-se para uma separação de Lovecraft da própria figura de Lovecraft. Ao analisarmos a obra de Ruff adaptada para a TV, percebemos já na premissa, mas para além dela aquilo que Stuart Hall chamou de contraestratégias de contestação de um regime racializado de representação: na inversão dos estereótipos, temos já de cara a colocação de diversos protagonistas negros em papéis principais, todos eles multifacetados, enquanto impressões mais reducionistas, como a simples vilania cabe aos brancos que os cercam; a substituição de imagens negativas por positivas acontece por toda a trama quando os protagonistas além de complexos, são construídos como virtuosos, inteligentes, sagazes, e mais toda uma sorte de qualidades, tais os heróis de revistas pulp que Atticus gostava; já através do olhar de representação é uma estratégia que está dentro das complexidades e ambivalências da representação em si e tenta contestar a partir dessa esfera, como na representação do multiverso baseado no afrofuturismo ou de toda uma subtrama envolvendo o corpo negro em contraponto com o branco em uma sequência baseada nos horrores do corpo.

Uma breve amarração

Por fim, concluímos que Lovecraft como homem de seu tempo, não apenas reproduziu, como perpetuou em sua escrita um racismo, xenofobia, antissemitismo, frutos de um ódio que já fora dito inspiração para seus escritos. Hoje, apesar de seu haver um ressurgimento de seu nome, não há a devida contextualização do preconceito dentro da obra de Lovecraft, sendo a postura adotada a de um silêncio que não deixa de ser uma violência, uma perpetuação da violência. Porém, hoje, e provavelmente tendência para o futuro, haja vista a escrita pouco convidativa do autor, é a que seu universo seja

conhecido cada vez mais por obras oriundas das suas, e que ressignificam os traços negativos impregnados nela. Lovecraft Country é um bom exemplo que alia homenagem e retratação histórica, uma obra anticolonial, mesmo que vinda de um autor que por não ser negro, nunca provou na pele os males que declara em sua escrita. Espera-se que cada vez mais autores como Octavia Butler tenham espaço no cenário nacional e além, pois suas vozes potentes são valiosas vias de conhecimentos que desviam da lógica dominante, eurocentrada que domina as pilhas e estantes.

REFERÊNCIAS

- CARROLL, N. **A filosofia do horror ou paradoxos do coração**. Campinas: Papirus, 1999.
- DUSSEL, E. **Transmodernidade e interculturalidade**: interpretação a partir da filosofia da libertação. Sociedade e Estado, Brasília, v. 31, n. 1, p. 51-73, Abril. 2016.
- ECO, Umberto. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 2010
- FERREIRA DA SILVA, Denise. Ler a arte como confronto. **Logos**, [S.l.], v. 27, n. 3, jan. 2021. ISSN 1982-2391. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/57382/36810>>. Acesso em: 25 jul. 2021. doi:<https://doi.org/10.12957/logos.2020.57382>.
- FRANÇA, J. **O horror na ficção literária**: reflexão sobre o "horrível" como uma categoria estética. Anais do XI Congresso Internacional da Abralic. São Paulo: [s.n.]. 2008.
- FRIAS, M. A. T. **Comensais do Horror**: o exógeno como portal do horror em H.P. Lovecraft. Trabalho de Conclusão de Curso - UFSC. Florianópolis. 2018.
- HOUELLEBECQ, Michel. H.P. Lovecraft: against the world, against life. Las Vegas: McSweeney's, 2005.
- HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio, 2016.
- JOSHI, S. T. **A Vida de H. P. Lovecraft**. São Paulo: Editora Hedra, 2014.
- KITTLER, Friedrich. **Literature/Media/Information Systems** (Ed. John Johnston). Amsterdam: Overseas Publishers Association, 1997.
- LOVECRAFT, H. P. **O Chamado de Cthulhu e outros contos**. São Paulo: Pandorga, 2018.
- LOVECRAFT, Howard Philips. **Horror em Red Hook**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2013.

MACHADO, Samir Machado de. **Ficção de polpa volume 1**. Porto Alegre: Não Editora, 2008.

McCRACKEN, Scott. **Pulp**: reading popular fiction. Manchester: Manchester University Press, 1998.

MIGNOLO, W. D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, n. 94, jun. 2017.

MIGNOLO, W. D. **Habitar la frontera**: sentir y pensar la descolonialidad. Barcelona: Bellaterra, 2015.

RUFF, Matt. **Lovecraft Country**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.